Norte-riograndense de mais de trezentos anos

José Augusto

Houve entre os primeiros habitantes do Rio-Grande do Norte, entre os que acompanharam Mascarenhas Homem e Jerônimo de Albuquerque na reconquista da capitania, entre os que obtiveram as primeiras concessões de terras, entre os que povoaram, desbravaram e trabalharam o solo potiguar, alguns cuja descendência, em boa parte, e em linhas gerais, pode ser seguida até hoje.

Um deles foi João Alustau *(Lostáo* era a grafia da época inicial) Navarro.

Os seus serviços na fase do povoamento devem ter sido consideraveis, a julgar pelas muitas partes de terra que lhe foram concedidas pelos dois primeiros capitãis-mores — João Rodrigues Colaço e Jerônimo de Albuquerque.

Já a data nº. 15, na ordem cronológica, era destinada a Alustau em Março de 1601, ao se inaugurar o regime de concessões, visando fixar à terra o elemento colonizador. Note-se que a data nº. 1 é de 9 de Janeiro de 1600, apenas um ano antes da primeira concessão a João Alustau.

Foram as seguintes as datas deferidas a este desbravador ao despontar o Rio-Grande do Norte para a vida civilizada:

«1 — A data 15 — 1200 braças ao largo do mar, no sitio que começa no rio Canayri para o norte e para o sertão outras tantas. Tem porto de pescaria. Em 1-3-1601. Concessão de João Rodrigues Colaço.

2 — A data 48 — 500 braças por costa, começando onde acaba a primeira data para o lado do sul e outras tantas para o sertão. Em 17-5-1603. Concessão de J. R. Colaço.

3 — A data 56 — 500 braças por costa na cabeceira da sua data e meia legua para o sertão. Em 24-5-1604. Concessão de Jerônimo de Albuquerque.

4 — A data 107 — 3.000 braças em quadra na testada da outra para a banda do rio onde reside, isto é, 3.000 por

costa e outras 3.000 para o sertão. Em 7-1-1607. Concessão de J. de Albuquerque.

5 -- A data 108 — 600 braças em quadra, começando de Jequesipitanga, ao pé do rio pelo caminho que vai para Araunú. Em 9-5-1607. Concessão de J. de Albuquerque.

6 — A data 131 — A terra que houver entre as suas datas e a de João Seremenho, e para o sertão 40 braças. Em 15-8-1608. Concessão de J. de Albuquerque.» (1)

João de Alustau Navarro, ao que se evidencia de documentos ulteriores, povoou e cultivou as suas terras, acresceu-as de novas aquisições, estabeleceu criação de gados e possuiu engenho de açucar.

Tavares de Lira supõe que este engenho foi o Ferreiro-Torto, anteriormente pertencente a Francisca Coelho, e teatro por vezes de tragédias horripilantes. (2)

Câmara Cascudo diz que «no mapa de Barléus à margem esquerda do *Tareiry* (Trairí) está uma parte povoada com cinco casas, índice prestigioso de relativa população, e um nome simples — *Jução Lostão*. É a propriedade de João Lustau Navarro, mas não há engenho». (3)

Nessas casas, como indaga Câmara Cascudo, ou no engenho Ferreiro-Torto, como presumem outros historiadores, entre eles Tavares de Lira, ocorreu em 1645, no mês de Setembro, o assalto capitaneado pelo judeu holandês Jacó Rabí, e levado a effeito pela indiada bravia, contra os que, escapando ao massacre de Cunha (Junho de 1645), e não podendo galgar o território paraibano ou pernambucano, haviam procurado refúgio nas propriedades de João de Alustau, então um dos mais abastados e prestigiosos habitantes do Rio-Grande do Norte.

Esse assalto, seguido dos massacres e crueldades comuns nas empreitadas sinistras de Rabí, terminou, não sem luta renhida, pela capitulação dos refugiados, alguns dos quais foram presos, entre eles o dono das terras, João de Alustau Navarro, recolhido ao forte de Ceulen.

Em 3 de Outubro de 1645, os prisioneiros e outras pessoas que lá haviam procurado abrigo para escapar às investidas dos índios e de Jacó Rabí, foram retirados do forte, de ordem das autoridades holandesas, sob o pretexto de que os seus serviços eram imprescindiveis no cultivo das terras, nos

---

(1) — Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio-Grande do Norte, 1909, Vol VIII.

(2) -- Tavares de Lira — História do Rio-Grande do Norte, pág, 168.

(3) Jornal do Comércio, Rio-de-Janeiro, n. 10-11-940.

labores agrícolas, mas na realidade para serem entregues à fúria e à ferocidade dos assaltantes.

A história regista, com pormenores e minúcias, as atrocidades de Uruaçú, aldeia próxima a Natal, para onde foram conduzidos, sendo entregues ao arbítrio assassino dos janduis, sob as vistas e direção de Jacó Rabí.

Há a respeito da chacina então verificada um relato escrito vinte dias após a tragédia, por Lopo Curado Garro, que o ouviu de testemunhas presenciais, relato que foi transcrito na íntegra no *Valeroso Lucideno,* de frei Manuel Calado, publicado em 1668.

João de Alustau Navarro figurou entre as vítimas desse morticínio.

Os historiadores daquela época sombria arrolam o seu nome entre os dos que foram mutilados e trucidados, mas não fazem referência à sua família, não se sabendo se era ou não numerosa.

Provavelmente quase toda teria sofrido a mesma sorte do seu chefe ou no assalto ao seu engenho ou propriedades, ou na matança de Uruaçú.

O que é certo é que, 25 anos depois, isto é, em 1670, o sargento-mor Francisco Lopes obtinha do governador geral da Baía, Alexandre de Sousa Freire, um alvará de confirmação de datas de terras na capitania do Rio-Grande do Norte, alegando ser casado com Joana Dorneles, filha legítima de Manuel Rodrigues Pimentel e neta de João de Alustau Navarro, este «preso pelos flamengos e morto pelos tapuias com a mais gente da dita capitania», por cuja causa «se perderam todos os seus papéis de datas de sesmarias e de compras de terras que ocupou o dito avô e pai», e afirmando ser Joana Dorneles única e universal herdeira de Alustau Navarro.

No mesmo alvará há uma passagem em que é feita referência conjunta a Navarro e Luiz da Mota, dos quais Joana Dorneles seria herdeira. (4)

Deve tratar-se de *Luisa* e não de *Luiz*, correndo a adulteração por conta do erro de cópia, muito frequente no referido alvará, no qual o nome da mulher de Francisco Lopes é escrito *João Dorneles* e não *Joana*, e *Alustau* é substituido por *Estau.*

Luisa da Mota seria a esposa de Alustau Navarro ou a sua filha casada com Rodrigues Pimentel, de qualquer manei-

(4) — Documentos Históricos — Biblioteca Nacional, Vol. XXIV, págs. 50 e seguintes.

ra já falecida em 1670, pois Joana Dorneles era então a herdeira universal.

Temos assim que em 1670 a mulher do sargento-mor Francisco Lopes, D. Joana Dorneles, era a única descendente viva de Alustau Navarro.

Há, no cartório de Goianinha, o inventário e testamento de um filho do casal Francisco Lopes-Joana Dorneles.

Trata-se do capitão Cipriano Lopes Pimentel, falecido em 1721, e cujo testamento foi feito em 19 de Dezembro de 1720.

Nesse testamento há referência a dois dos seus irmãos — Francisco Dorneles e Joana Lopes.

Em 1681, aparece um alvará da concessão de terras na capitania do Rio-Grande do Norte a várias pessoas, entre elas o capitão Cipriano Lopes Pimentel e Tomé Lopes Navarro. (5)

Esse Tomé Lopes Navarro, a julgar pelo seu nome, seria provavelmente irmão de Cipriano Lopes Pimentel, tendo recolhido o Navarro do sobrenome de João de Alustau Navarro, prcsumidamente seu bisavô.

Não tenho dados com que acompanhar a descendência de Alustau, senão através do seu bisneto, Cipriano Lopes Pimentel, que viveu e morreu em Goianinha, deixando os seguintes filhos : Lázaro Lopes Galvão, Cipriano Lopes Galvão, Jorge Lopes da Silva, Arcângelo Lopes Galvão, Estevão Lopes Galvão, Manuel Lopes Galvão e Luisa da Silva.

Esta foi casada com o sargento-mor Manuel Álvares Maciel ; Lázaro com D. Isabel de Bezerril ; Cipriano com D. Adriana de Holanda Vasconcelos ; e Jorge (que na época do casamento já se assinava Jorge Lopes Galvão) com D. Francisca Xavier de Sequeira.

Alguns filhos de Cipriano Pimentel, que foi casado com D. Teresa da Silva, filha do alferes Filipe da Silva, residiram em Goianinha e outros pontos do litoral norte-riograndense, e deles há hoje numerosa descendência, sobretudo nos municípios de Goianinha, Canguaretama, Arês, Paparí, etc.

O de nome Cipriano Lopes Galvão, porem, fixou-se na zona do Ceridó, em terras do atual município de Currais-Novos, contando-se hoje por muitas centenas, senão milhares, os seus descendentes, habitantes principalmente dos municípios de Currais-Novos e Acarí.

Todos os que descendem de Cipriano L. Pimentel, os do litoral como os do Ceridó, pelo que fica evidenciado, procedem diretamente de João de Alustau Navarro, um dos desbra-

---

(5) — Publicações do Arquivo Nacional, Vol. XXVII, pág. 71.

vadores do solo potiguar, um dos seus mais antigos habitantes, um dos sesmeiros iniciais do Rio-Grande do Norte (1601), um dos mártires da matança de Uruaçú (3 de Outubro de 1645).

Eu sou um deles, e chego até Alustau Navarro através do meu pai, professor Manuel Augusto Bezerra de Araujo; este filho do coronel Silvino Bezerra de Araujo Galvão; este, filho do capitão Cipriano Bezerra Galvão; este, filho de Cipriano Lopes Galvão; este, filho do capitão-mor Cipriano Lopes Galvão; este, filho do coronel Cipriano Lopes Galvão; este, filho do capitão Cipriano Lopes Pimentel; este, filho do sargento-mor Francisco Lopes e D. Joana Dorneles; esta, filha de Manuel Rodrigues Pimentel, casado com uma filha de João Alustau Navarro, cujo nome não pude encontrar, parecendo-me verosimil, entretanto, a hipótese de ser Luisa da Mota.

Sou, assim, norte-riograndense de mais de trezentos anos.